

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA VISÃO DE PAULO FREIRE

Araújo, Edmilsa Santana De¹ _ Edmilsa _ Santana@uahoo.com.br.

Professora Mestra do Campus Amilcar Ferreira Sobral. UFPI

Carvalho, Adriana Da Conceição² _ drykynhacarvalho@hotmail.com.

Soares, Aldeny Eliseu³ _ aldeny_deny@hotmail.com.

Professor, Vagner Pereira⁴ _ vagnerprof@hotmail.com

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a concepção de letramento em relação às obras de Paulo Freire, mostrando-o como força e não descaracterizador da alfabetização e do método freireano, valendo-se da crítica aos métodos tradicionais, ingênuos, que não realizam a totalidade de uma alfabetização, alfabetização que não letra, mas, forma decodificadores. Analisar o método Freire totalizador em sua ideologia é buscar contribuições para a pedagogia do letramento, tornar o aprendiz consciente do ler e escrever enquanto um contexto e demonstrar transformação nas práticas anteriormente vinculadas à leitura e escrita. O letramento defendido neste trabalho ultrapassa as práticas sociais e as relações de poder.

¹Especialista em Docência do Ensino Superior pela UFPI, mestra em educação em Literatura brasileira pela UFC.

² Discente do curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí.

³ Idem.

⁴ Idem.

Palavras chave: Letramento, alfabetização e Paulo Freire.

INTRODUÇÃO

Na década de 80, surge no Brasil o conceito de origem do termo “literacy” o letramento, que diz respeito à leitura, compreensão e utilização da escrita em diversas situações. Este termo não é tão simples de compreender e causa ainda mais dúvidas. “No Brasil, os conceitos de alfabetização e letramento se mesclam, se superpõem e frequentemente se confundem” (SOARES, 2003, p.5 apud CARVALHO 2011), Soares designa alfabetizar como ensinar o código alfabético, e letrar como inserir o educando em diversos usos sociais da leitura e escrita.

Alguns teóricos são contra o termo letramento, outros a favor, e no posicionamento a favor, este artigo busca demonstrar o que se pode avançar com a observação do método de Paulo Freire que possui um letramento implícito sobreposto as visões tradicionais e bancárias de aquisição da escrita e leitura e sua utilização e domínio.

Novos debates críticos podem surgir ao observar a alfabetização e letramento não de uma maneira ingênua, mas, realmente crítica, observando a totalidade e as ideologias implícitas, algo que o método Freire vem a ajudar grandemente.

1.DISTINÇÃO ENTRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: AVANÇOS E RETROCESSOS

Existem certas dúvidas em relação ao termo letramento na concepção freireana, dúvidas se o termo alfabetização e letramento deveriam ser interdependentes, ou como Freire demonstra em seus livros que alfabetização e letramento não estão dissociados e se referem a um único termo. Isto gera divergências sobre o termo letramento em relação à alfabetização, e se este valoriza a alfabetização descrita por Paulo Freire.

Moacir Gadotti acredita que a criação de um novo termo para designar o que Paulo Freire já obtinha em sua alfabetização é, assim como Emília Ferreiro defende, um “retrocesso conceitual”, uma supervalorização do que poderia ser chamada “cultura escrita”, desvalorizando a visão de Freire, pois alfabetização passa a ser simplesmente codificação e decodificação, mas, na realidade, em Paulo Freire se ultrapassa esta definição, sua visão é como leitura do mundo que precede a da palavra, visão crítica e que traz transformação.

O conceito de alfabetização para Paulo Freire tem um significado mais abrangente, na medida em que vai além do domínio do código escrito, pois, enquanto prática discursiva, “possibilita uma leitura crítica da realidade, constitui-se como um importante instrumento de resgate da cidadania e reforça o engajamento do cidadão nos movimentos sociais que lutam pela melhoria da qualidade de vida e pela transformação social” (Paulo FREIRE, Educação na cidade, 1991, p. 68 Apud GADOTTI)

Gadotti critica a visão dos defensores do letramento como mais amplo do que a alfabetização, ou que são equivalentes, pois seria a habilidade de leitura e escrita nas práticas sociais e profissionais, e sua importância estaria nas novas demandas da sociedade de adaptabilidade às transformações que ocorrem em ritmo acelerado.

É importante observar e compreender sua crítica, pois a visão de Paulo Freire não se resume a leitura e escrita e seu acesso antes da alfabetização mas da leitura do mundo. E a aquisição não é para simplesmente adaptar, mas transformar. Em suas palavras tenta demonstrar que o termo letramento pode causar um erro além do conceitual e ser ideológico, podendo desvalorizar toda a cultura do termo alfabetização nos escritos de Freire e centenas de anos de cultura alfabetizadora, reduzindo alfabetização à leitura e escrita. Esta observação ideológica não é algo a se desvalorizar, o termo letramento na visão ingênua e de continuidade da desigualdade pode trazer muitos perigos epistemológicos em relação a utilidade da leitura e escrita e continuação da situação vigente, no entanto, é possível que este termo possa demonstrar a diferença de uma leitura e escrita simplesmente bancária, tradicional e sem qualidade para uma crítica e social que melhore o aprendizado. E nas palavras de Freire o letramento reflete uma luta política por melhoria da educação que melhora o índice de alfabetismo.

(...)os estudos sobre o letramento reconfiguraram a conotação política de uma conquista – a alfabetização - que não necessariamente se coloca a serviço da libertação humana. Muito pelo contrário, a história do ensino no Brasil, a despeito de eventuais boas intenções e das “ilhas de

excelência”, tem deixado rastros de um índice sempre inaceitável de analfabetismo agravado pelo quadro nacional de baixo letramento. (FREIRE apud COLLELO).

O letramento pode, portanto, servir para a qualidade da educação, avanços e transformação, e não desvalorizar os escritos de Freire, pelo contrario, reluz a forma de letramento que estava implícita em seus métodos e as valoriza ainda mais. Estudiosos e pedagogos críticos tem realizado sempre como foco a “leitura de mundo” e as observações de seus livros quando demonstram características do letramento e quando as ultrapassem.

2.A CONCEPÇÃO BANCÁRIA DE ALFABETIZAÇÃO

Paulo Freire possui uma concepção crítica, não somente em relação à alfabetização e letramento, mas também considerando a educação na sua totalidade, onde observa a educação como bancária. Para melhor compreensão, é possível e necessário realizar uma comparação de sua crítica à educação bancária, com o modo, método e utilidade da alfabetização que é realizado tradicionalmente.

A alfabetização na concepção bancária se baseia na transmissão de conhecimentos do educador ao educando, dessa forma o educando é apenas o objeto da aprendizagem que se encontra vazio e o professor deve apenas depositar os conteúdos. Esta relação acontece nas relações tradicionais de alfabetização onde o educador é o único conhecedor e o educando não traz nada de sua realidade, por esta razão, no ensino é desconsiderada a realidade e os conhecimentos do educando, considerando-o como receptor passivo e decorador de sílabas, que irá aprender com as repetições que tradicionalmente se decoram nas alfabetizações e que se tem passado de gerações à gerações. Desta forma, a alfabetização é narradora e dissertadora. Nesta concepção de educação, os educandos somente recebem conhecimentos como arquivos.

(...)uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora(...)No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, porque fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. Educadores e educandos se arquivam na medida em que, nesta distorcida visão de educação não há criatividade, não há transformação, não há saber. (sic)(FREIRE,2005,p.66/67).

A alfabetização na concepção bancária não possibilita o verdadeiro acesso ao saber que segundo Freire é crítica de invenção e reinvenção, de busca permanente feita no mundo, com o mundo e com os outros, (2005, p. 67), assim, mantém-se e estimula a contradição refletindo a sociedade opressora e sua visão, reforçando a cultura do silêncio e de passividade dos oprimidos. As massas, nesta concepção de alfabetização, não tem voz, pensar próprio, leitura do mundo e a possibilidade de uso dos seus conhecimentos para uma ação. “Tornam-se homens espectadores e não recriadores do mundo”.

A alfabetização é dada como se fosse desvinculada da realidade, ingênua, por isso se usa frases prontas, sem criticidade e muitas vezes sem sentido, além de cartilhas que só reforçam o caráter bancário. Os conteúdos para o aprendizado da escrita são acrílicos e não refletem a realidade, mas, a prática alfabetizadora tradicional, aprendizado da leitura ingênua e desvinculada da realidade. Outro exemplo importante de se destacar é o controle de leitura, que expressa a alfabetização que os opressores querem, uma que limite a leitura e o verdadeiro saber, que apassive para a resignação e não emancipação, que limite a leitura e o pensar para uma escrita crítica.

A alfabetização em uma visão bancária e característica da escola tradicional é a que notadamente Paulo Freire contesta, uma que sirva para uma visão “elitista” da “norma culta”, em que é repassado a língua padrão da classe dominante, sua cultura e ideologia, e que determine quando e como se deve usar a escrita. De certa forma Paulo Freire ao escrever, percebeu que a sociedade praticava uma cultura de leitura e escrita, mas não de letramento, sua crítica à alfabetização tradicional traz consigo a junção alfabetização e letramento em seu método, um método não para repassar conhecimentos, mas para avançar em um letramento que sirva para as massas populares e que seja feito por elas.

3. Letramento na perspectiva Paulo Freire

A alfabetização na perspectiva freireana é perceptível claramente em seu método e suas práticas, e ao decorrer da alfabetização e realização do método podemos analisar o letrar e sua perspectiva como um conjunto em que dificilmente alfabetização, letramento e características histórico-culturais estão dissociados.

A alfabetização é muitas vezes tomada como uma aprendizagem de leitura e escrita simplesmente, e se observarmos somente dessa forma ingênua e tradicional de perceber a alfabetização não estaremos observando princípios básicos da educação, como uma real aprendizagem e letramento, uma necessária práxis que sirva para o aprendizado e não para a impossibilidade de prosseguimento no conhecimento pelo uso de leitura e escrita. Nesta visão, pode se observar o educando não como ser, mas depósito de conhecimentos, algo que frequentemente ocorre com muitas pessoas que lêem, mas não interpretam o que tem lido, pois recebem o código linguístico sem realmente serem letradas. Paulo Freire sempre teve uma visão abrangente que contém as características do letramento e da importância da leitura, leitura que para ele tem por finalidade inserir o indivíduo em um contexto de conhecimento e sabedoria para uma formação de conhecimento, algo que uma educação bancária não objetiva. “(...) o ato de estudar, enquanto ato curioso do sujeito diante do mundo é expressão da forma de estar sendo dos seres humanos, como seres sociais, históricos, seres fazedores, transformadores, que não apenas sabem mas sabem que sabem.” (FREIRE, 2009, p.60). A visão de Paulo Freire, é um realmente estudar, aprender, e no caso da alfabetização possui um ultrapassar do conceito bancário, pois existe um real e implícito letramento.

Observa-se o letrar na visão freireana, pois se deve realmente ter o conhecimento, não como seres passivos, mas compreendedores em uma real necessidade e aprendizagem da linguagem e da escrita, necessidade esta que se demonstra como algo da realidade, da vida social, e também como seres fazedores, demonstrando que se deve usar a escrita, e que esta é uma necessidade social desde sua aquisição. Estes fatos reforçam o que a maioria de estudiosos tem concluído sobre o letramento, que seria para as necessidades de utilização de escrita e leitura exigidas pela sociedade e de importância nas várias práticas sociais.

Paulo Freire, além de expressar características do letramento amplamente aceito, as ultrapassa. O aprendizado deve realizar-se visando o ser não como passivo, mas como sujeito

ativo, e também se deve valorizar o social, histórico, e ação de seres transformadores. O letramento tradicional pode ter como foco o acesso a várias fontes escritas, desvalorizando os que não têm acesso, desconsidera-os como iletrados, incultos, pessoas “ignorantes absolutos”, (PINTO, 1989, p.61) em que os menos favorecidos são ignorantes por não saberem algo e os das classes populares são cultos por saberem alguma coisa. Paulo Freire ultrapassa essa noção ingênua de letramento e demonstra que mesmo pessoas com pouco acesso à leitura, possuem conhecimento da linguagem e letramento de vida em uma perspectiva construtivista.

(...) combater, por exemplo, a posição ideológica, por isso mesmo nem sempre explicitada, de que só se estuda na escola (...) “saber de experiência feito”, tem de ser o ponto de partida em qualquer trabalho de educação popular orientado no sentido da criação de um conhecimento mais rigoroso por parte das massas populares.

Enquanto expressão da ideologia dominante, este mito penetra as massas populares provocando nelas às vezes autodesvalia por se sentirem gente de nenhuma ou de muito pouca leitura “(FREIRE, 2009, p.59-60)

Não visa o adequar-se à realidade, que é o que ideologicamente poderia ser usado no letramento tradicional para uso na sociedade complexa e suas diversas utilidades da escrita, mas ultrapassando-a de maneira crítica, de um cidadão que usa a linguagem e seus conhecimentos para transformar a situação.

Em questão de política, o letramento, se torna a leitura de mundo, por ela qualquer homem tem um letramento e sabe alguma coisa, assim como Tfouni, focaliza os aspectos sócios históricos do homem, “Enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo, ou grupo de indivíduos, o letramento focaliza os aspectos sócio históricos da aquisição de uma sociedade” (TFOUNI, 1995, p. 20 apud COLLELO), e como Paulo Freire tem sua “ideia-fonte” citado por Fiori como “lúcido saber sócio pedagógico” (, 2005, p.8) assim, observa-se um método não como simples técnica de aprendizagem de leitura e escrita, observando a totalidade que ultrapassa nestes e muitos outros aspectos o que vem a ser letramento. “As técnicas do método de alfabetização de Paulo Freire, embora em si valiosas, tomadas isoladamente não dizem nada do método”, (FREIRE apud FIORI, 2005, p.9),

portanto, não pode ser tratada como simplesmente uma técnica mas com uma visão ideológica em que alfabetizar é humanizar. Reforçando esse aspecto “sensível” e humano, a Magda Soares expõe que "Letramento é, sobretudo, um mapa do coração do homem, um mapa de quem você é, e de tudo que pode ser.", Paulo Freire observa esse mapa da condição de oprimido do ser, que passa pela leitura de mundo e reflexão das causas sociais, que leva a uma conscientização, um pensar certo, uma real leitura de mundo e das condições de vida.

De grande valor é a contribuição de Freire em relação à leitura de mundo em que o ato de ler tem como ponto de partida a experiência de vida, leitura do contexto, depois da palavra. Paulo Freire busca aprofundar este letramento para que forme a leitura da palavra mundo, este letramento é o mais reconhecido de Paulo Freire e tem muitas lições a nos dar. "na verdade, o domínio sobre os signos linguísticos escritos, mesmo pela criança que se alfabetiza, pressupõe uma experiência social que o precede – a da 'leitura' do mundo" (CARTAS A GUINÉ-BISSAU 1984 apud WIKIPEDIA) Esta percepção desmistifica a visão ingênua e ideológica de que os de famílias com pouco acesso a leitura tendem a ser “ignorantes em absoluto”, e que por sua falta de conhecimento dificilmente serão letrados, e que não poderão transformar a situação. Segundo Freire citado por Arruda (2009) “Aprender a ler e a escrever é aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto numa relação dinâmica vinculando linguagem e realidade e ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la.” Paulo Freire se volta aos oprimidos e demonstra que eles possuem letramento, o da leitura do mundo, o da leitura da sua realidade e que este é um reforço para um letramento escrito que ultrapasse e transforme as práticas de dominação em uma “práxis revolucionária” em “co-laboração” em diálogo o educador é um mediador, e o letramento não é dado pronto e obrigatório mas “ato curioso do sujeito diante do mundo”.

Diante do citado, percebe-se que o letramento defendido por Freire é diferente do tradicional, é um modelo ideológico. Segundo Street citado por Kleiman (1995, p.38), o letramento ideológico não se trata simplesmente de aspectos da cultura letrada, mas estruturas de poder da sociedade, e Paulo Freire foca nas lutas sociais, educação como prática de liberdade, alfabetização e letramento que ultrapasse as práticas sociais e relações de poder.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao constatar as diferenças na concepção freireana em relação a uma alfabetização ou letramento e a utilização de seu método, percebe-se que somente na totalidade que Paulo Freire vê valor, e justamente daí se demonstra os aspectos ideológicos de alfabetizar. Muitos destes aspectos podem ter sido refletidos em um letrar crítico aqui citados. O que se pode perceber é que há uma ligação muito grande de ideologia e letrar em Paulo Freire, pois existe a leitura do mundo que precede a leitura da palavra, observa-se que mesmo os mais pobres com pouco acesso a leitura não são desconhecedores em absoluto, mas tem seu conhecimento, se combate uma tendência a tornar letramento como continuação da condição de oprimido, onde letramento seria para adaptar as pessoas às novas exigências escritas da sociedade, Paulo Freire sempre defendeu um letramento que sirva para as pessoas, que as façam não simplesmente se adaptar ou utilizar a escrita, mas se necessário transformar a realidade.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Marlene. Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática. Petrópolis, RJ: vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 50.ed. São Paulo: Cortez, 2009

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. ed. RJ, Paz e terra. 2005

PINTO, Álvaro Vieira. Sete lições sobre educação de jovens e adultos. São Paulo, SP: Cortez, 1989.

Kleiman, Angela B.(org). Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

REFERENCIAS:

ARRUDA, Maria Rita Barros. Alfabetização e letramento na eja: para além dos muros da escola.2009. Disponível em:<<http://www.infoeducativa.com.br/imprimir.asp?id=121>>acesso em 20/04/2013

(Cartas a Guiné-Bissau: Registros de uma experiência em processo. Rio de Janeiro, Paz e Terra,4a.ed.,1984.apudWikipédia disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Letramentoa>> acesso em: 19/04/20013

COLLEIO, Silvia M. Gasparino. Alfabetização e Letramento: Repensando o Ensino da Língua Escrita. Disponível em <<http://www.hottopos.com/videtur29/silvia.htma>>acesso em 27/03/2013

GADOTTI, Moacir. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO Como negar nossa história. Disponível em: <<http://culturadigital.br/obviuss/2010/07/22/alfabetizacao-e-letramento-como-negar-nossa-historia/>> acesso em: 02/04/2013